

## Pessoa: a essência e a máscara!

por Paulo Faitanin – UFF



Pessoa

**1. Introdução:** Revendo o que alguns estudiosos consideraram historicamente acerca da origem do conceito e do significado da palavra ‘pessoa’ podemos dizer num sentido amplo, a partir da definição proposta por Boécio *pessoa é a substância individual de natureza racional*, que pessoa é o ser individual de natureza espiritual ou intelectual e nele incluímos a pessoa Angélica e humana. A pessoa humana, neste sentido mais geral, pode ser definida como ser individual de natureza racional, enquanto se entende a racionalidade como a potência própria do ato intelectual.

Por ser individual entendemos o ente, portanto, a substância que é idêntica a si mesmo e, efetivamente, distinta de qualquer outra. Por *natureza* entendemos o princípio de vida, de movimento em si e de repouso do ser individual que, no caso da pessoa humana, é a alma espiritual criada e infusa por Deus no corpo, por cujo ser no corpo a pessoa humana se desenvolve e torna-se o que é. Por *racional* entendemos aquela potência do ato intelectual, a saber, aquilo que é feito ou dito pela razão de quem faz ou pode fazer uso da faculdade própria do homem: o *intelecto*.

Denominaremos *personalidade* o modo pessoal que um ser individual de natureza racional realiza e manifesta, em sua individualidade, de modo espontâneo, voluntário ou involuntário, pelo corpo e pela mente sua natureza, em atos individuais. Em resumo, «pessoa» é um ser individual racional e «personalidade» é o modo pessoal do ser individual realizar-se e manifestar-se pelo corpo ou pela mente, segundo os seus atos individuais. Nossa intenção é apresentar uma breve análise etimológica do termo pessoa, uma breve crítica semântica da evolução do uso do seu significado e apresentar alguns dos seus significados filosóficos e algumas de suas acepções teológicas próprias.

**2. Etimologia:** O substantivo feminino singular da língua portuguesa «pessoa» deriva etimologicamente da palavra latina *persona*, também, substantivo feminino singular. No uso corrente, pessoa significa atualmente “indivíduo, considerado em si mesmo, homem ou mulher, ser humano; personagem; individualidade ou, também, “o homem em suas relações com o mundo ou consigo mesmo”.

Apesar de pessoa derivar de *persona*, esta palavra latina não comporta, em seu uso primeiro, tal sentido que atribuímos, hoje em dia, à noção de pessoa. Uma tese afirma que a palavra latina *persona* foi originalmente estabelecida por uma justaposição gramatical da preposição *per* [advérbio de meio] e do substantivo [sonus] resultando *per+sona* – *persona*.

Outra tese estabeleceu que ela derivasse do verbo *personare*, de sua forma verbal gerúndio *personando*; outra, ainda, a fez derivar da expressão *per se una*, enquanto designa una por si. Tanto em um caso quanto em outro, a palavra *persona* serviu para significar o mesmo que se significa com a palavra grega *prósopon*: máscara e personagem.

**3. Teatro Grego:** Mas *persona* passou a significar *máscara* e *personagem* não por traduzir gramatical e semanticamente para o latim a acepção original da palavra grega *prósopon*: máscara; mas por significar e nomear o ato ou efeito de o ator, mediante uma abertura na máscara entorno à boca, impostar e representar pelo som [per+sona] de sua voz uma personagem. Remonta-se o uso e significado da palavra *prósopon* ao ilustre poeta grego Homero [850 a.C], em sua célebre epopéia *Odisséia* (18, 192). Estudos apontam certa relação entre a palavra etrusca *fersu*, que significava máscara, já encontrada escrita num monumento da Antigüidade clássica, com a palavra grega *prósopon*.

**4. Etimologia de 'máscara':** por sua vez, a palavra portuguesa máscara [artefato de papelão, pano, couro, metal etc. que simula a configuração de uma cara ou parte dela e que se põe no rosto para encobrir as feições, como um disfarce que cria uma aparência enganosa], cujo sentido e significado já não se atribui mais ao conceito de pessoa, deriva da palavra italiana *maschera*. A palavra italiana *maschera*, por sua vez, procede da palavra latina *masca* [aparência enganosa/ feiticeira] que por sua vez adveio de uma palavra do pré-indoeuropeu *masca* [aparência enganosa], muito provavelmente advinda do sânscrito *mákara* que se referia ao 'ornamento que se põe ou veste a cabeça' ou ao artefato por cujo uso alguém se tornava irreconhecível, levando ao engano, pela aparência apresentada, a quem o identificasse com o que é representado pela *masca* [pela aparência enganosa]. As máscaras serviam nas representações artísticas e serviços religiosos mais primitivos, entre outras coisas, para acentuar os traços de caráter das personagens/ deuses que representavam.

**5. Simbologia:** No oriente, em Sarcófagos da Antigüidade tardia, existiam máscaras mortuárias com a função de identificação de quem a sobrepunha à

face; a máscara do rosto, em geral era de material nobre e tinha a finalidade, mais do que identificar o morto, de ocultar a decomposição na morte; a máscara mortuária ironicamente representava e expressava uma idéia do “teatro da vida”, preceito muito comum descrito pela filosofia de então. Com respeito ao seu uso originário, contam que os atores gregos nas comédias e tragédias representavam aqueles homens que lhes interessavam representar e, para tanto, usavam sobre-faces, caretas, portanto algo que lhes cobrissem as faces, como as máscaras, a fim de não serem reconhecidos por aqueles que representavam; algo que mediante o uso de tal artefato sobre a face podia lhes oferecer uma aparência enganosa. A máscara servia mais para fazer reconhecer a personagem representada, que propriamente o ator. Representavam por meio de expressões corporais e, sobretudo, pelo som da voz que soava por um orifício da máscara, por onde soava toda a atuação.

**6. Teatro Romano:** A lenda conta que um popular ator romano, Roscius Gallus, foi o responsável pela importação da máscara para o teatro romano, a fim de esconder um infeliz estrabismo. Talvez, neste mesmo período [cerca do séc. VI a.C.] tenha-se originado a palavra latina *persona*, enquanto provavelmente derivada de *personando* – soando por – gerúndio e utilizada para especificar aquela atuação do ator de impostar a voz pelo som [per+sona], soando-a por um único orifício, uma abertura existente na máscara, situada entorno à boca do ator [depois foram adaptadas com orifícios para os olhos e para o nariz].

Não tendo a máscara que cobre completamente o rosto mais que esta abertura em torno à boca, a voz, ao sair em todas as direções, se afunilava para sair por uma única saída e adquiria, por isso, um assobio mais penetrante e forte. Isso facilitava a propagação do som pelos antigos anfiteatros gregos, cuja distância entre atores e os expectadores da última fila poderia ser de até 18 metros.

**7. Características das Máscaras:** Munida de lâminas de metal, a máscara fazia com que a voz do ator ressoasse cristalinamente nos vastos anfiteatros. Assim, pois, porque a máscara tornava a voz humana mais sonora e vibrante, se deu em latim à máscara o nome de *persona*, enquanto pelo som de sua voz se dava a conhecer o ator; algo que seria difícil por causa da máscara que lhe encobria todo o rosto e que oferecia ao expectador uma aparência enganosa. Portanto, por causa da máscara não se reconhecia quem atuava, senão só quem era representado, mas pelo som impostado pela voz do ator, se vinha a reconhecer inclusive quem atuava. Neste sentido, pelo som [per sona] impostado pela voz do ator vinha-se a reconhecer o próprio ator; e, mediante isso, o ator vinha a ser reconhecido pelo som [per sona] impostado por sua voz.

Passando o ator a ser identificado *persona*. Mas não só isso, pois se denominou *persona*, também, o artefato que o ator sobrepunha a face para atuar.

Assim, pois, *persona* significou (1) a representação: o ato ou efeito de o ator representar, pelo som [*per sona*] de sua voz, uma personagem; (2) a máscara: o próprio artefato, a máscara, que o ator usava para atuar e representar e que sobrepunha a face ocultando-lhe a identidade; (3) a personagem: que era representada pelo ator, mediante uma aparência enganosa manifesta na máscara e por fim (4) o próprio ator: que era quem atuava.

Esta palavra se prestou evolutiva e gradativamente, a partir de sua formação e uso ordinário original, para significar estas quatro realidades: a representação pelo som [*per sona*], o artefato [*máscara*], a personagem representada pela máscara e, também, com o tempo, o próprio ator que atuava, sendo a ele por último e propriamente atribuído o nome de *persona*.

**8. Resumo:** podemos dizer que *persona* não foi cunhado propositalmente em língua latina para nomear e significar aquelas realidades. Tendo uma origem acidental, por justaposição de palavras, a locução logo passou a significar, a cada momento, uma das realidades a que se prestava o uso do nome para identificar. Portanto, o termo latino não é uma tradução gramatical e semântica do termo grego *prósopon*, embora evoluísse para significar o mesmo que significa aquela grega, ou seja, máscara.

**9. Significado da palavra 'pessoa':** Como vimos, com o tempo, o vocábulo grego *prósopon* evoluindo em seu uso comum na Grécia, de máscara passou a significar o papel representado pelo ator, portanto a personagem; ao ser importado o objeto e o uso comum do vocábulo grego *prósopon* para o Teatro Romano, e embora a língua latina dispusesse da palavra *masca* para significar aquilo a que se referia *prósopon*, esta palavra latina não traduziria a rica semântica do termo grego. As formações criativas e inventivas de novas palavras surgem da necessidade para suprir uma carência lingüística. Neste contexto, a palavra latina *persona* surge, ocasionalmente, não originada de um vocábulo arcaico latino, senão da justaposição da preposição *per* e do substantivo *sona*: estabelece-se a palavra *persona* que viria significar, originalmente, os mesmos sentidos de seu correlato grego: máscara, personagem, ator e, mais, o de representação.

**10. Uso filosófico:** Foi com os estóicos e, especificamente com Epicteto [55-138 d.C], que o termo *persona* começava a revestir-se de uma conotação mais filosófica. Assim se expressa este autor: *Lembra-te de que aqui não passas de ator de*

*um drama, que será breve ou longo segundo a vontade do poeta. E se lhe agradar que representes a pessoa de um mendigo, esforça-te por representá-la devidamente. Faze o mesmo, se te for destinada a pessoa de um coxo, de um magistrado, de um homem comum. Visto que a ti cabe apenas representar bem qualquer pessoa que te seja destinada, a outro pertence o direito de escolhê-la [Epicteto, Manual, 17].* Com o passar do tempo e já instaurada oficialmente dentro do vocabulário latino, dentro do contexto da filosofia política viria a adquirir a conotação e o significado político-moral [talvez, inspirado em Aristóteles, *Política*, 1449a 36], passando a indicar o próprio cidadão, enquanto indivíduo revestido de dignidade civil, de direito e de moralidade. Introduce-se essa palavra *persona* na filosofia, na medida em que reproduz, em parte, a evolução semântica da palavra grega *prósopon*, passando a mesma significar além do objeto máscara, também o papel atribuído a esta máscara, a função, a característica, a personagem; daí pessoa, neste contexto, passa a significar o próprio sujeito que atua. Por isso, com esta evolução do significado de *prósopon* e *persona* tanto os gregos quanto os latinos passariam a chamar «pessoa» também os demais homens aos que se lhes reconhecia certamente na forma de representar. Com Cícero *persona* [106-43 a.C.], que adquire sentido político, é o indivíduo com dignidade civil e jurídica .

**11. 'Pessoa' em Boécio:** No latim medieval do séc. IV-V d.C. *persona* passa a referir, sobretudo, o significado de «subsistência, honra e dignidade espiritual», em razão de sua referência à Pessoa divina do Cristo encarnado. Neste sentido, *persona* já não significa o sentido original da palavra grega *prósopon* (máscara), porque é utilizada para traduzir semanticamente o sentido da palavra grega *hypóstasis* que significa subsistência, para ser utilizada dentro dos contextos teológicos Patrísticos, em suas análises Escriturísticas Neo-Testamentárias, a fim de evitar associar pessoa enquanto derivada de *prósopon* máscara/ aparência enganosa, com a Pessoa divina enquanto natureza divina subsistente.

Logo, *hypóstasis*, na medida em que significa *subsistência* viria a ser utilizada para substituir a palavra *prósopon* que apesar de ter sido utilizada no contexto Neo-Testamentário com o sentido de subsistência, tinha o seu significado atrelado à acepção originária de máscara. Com uso de *hypóstasis* viria a dar um melhor perfil à noção de subsistência que a palavra *prósopon*, desvinculando-a de qualquer uso ou referência histórica e original como sentido e relação à máscara e aparência enganosa para referir-se à subsistência e excelência espiritual da natureza divina e humana do Cristo encarnado. A partir de então, não foi difícil estabelecer uma intrínseca relação deste significado relacionando-o a uma acepção estritamente filosófica, significando não só a

individualidade, dignidade civil e moral do indivíduo, mas a própria natureza do indivíduo enquanto racional.

Boécio [480-525 d.C.], em quem encontramos uma aguda análise da fronteira e da transição da evolução do uso filosófico de *persona* para o uso teológico, trata do conceito de *persona* em sua obra *De duabus naturis*: [BOÉCIO, *De duabus naturis et una persona Christi*. (Ed. Migne, Patrologia Latina, 64), cap. III. N. 1343 d]. Nesta obra este autor enfatiza a etimologia de *persona* distinguindo o seu sentido de máscara, enquanto traduz gramaticalmente *prósopon* do seu sentido de subsistência, enquanto tradução semântica de *hypóstasis*.

“Portanto, se a pessoa se dá tão só nas substâncias e estas, racionais, e toda substância é natureza e não se dá nos universais, mas nos indivíduos, oferecemos como definição de pessoa: pessoa é a substância individual de natureza racional. Com esta definição delimitamos o que os gregos chamam *hypóstasis*, pois o nome de «pessoa» parece ter-se derivado de outra origem: a saber, daquelas «pessoas» que nas comédias e tragédias representavam aqueles homens que lhes interessavam representar. Assim, pois, «*persona*» provém de «*personando*», acentuada a penúltima... Os gregos chamam também *prósopon* a estas pessoas, porque colocam algo diante da cara e ocultam o rosto da vista dos demais... denominaram os latinos uns e outros «pessoa» e os gregos *prósopon*”. Simultâneo ao desenvolvimento do significado filosófico, *persona* logo evoluiria e passaria ao seu significado teológico. A Sagrada Escritura não em seu contexto originário e nas línguas em que foi escrita não dispunha de nenhum termo específico para a noção de pessoa. Geralmente usa-se uma circunlocução, por exemplo, com a palavra *face*, para referir-se ao que concebemos como pessoa.

**12. Acepção teológica:** No contexto teológico Patrístico, a acepção de pessoa parte de uma releitura do significado originário da palavra grega *prósopon*, enquanto significava máscara, passando também pela análise do uso e do significado filosófico latino dado à palavra *persona*, enquanto significou indivíduo de natureza racional, a fim de verificar a possibilidade e a viabilidade do uso destas acepções para traduzir o significado de uma outra palavra grega *hypóstasis* que já aparece com o médico Hipócrates [460-370 a.C] e que significa ato de sustentar e, portanto, com uma conotação filosófica de Aristóteles, *De partibus animalium*, 659a 24, passaria a significar subsistência. Apesar de *hypóstasis* não ser utilizada dentro do contexto Neo-Testamentário para significar a subsistência, esta palavra aparece em Epístola aos Hebreus, 1, 13, com o sentido de natureza real [essência]. Este significado não é suficiente para denotar a natureza real divina e subsistente. Então, os Padres Gregos



viriam preferir o sentido filosófico de *hypóstasis* entendida como subsistência, ao sentido teológico de natureza real expresso pela *prósopon*.

**13. 'Pessoa' segundo S. Paulo:** Embora, a palavra grega *hypóstasis* utilizada dentro do contexto médico-filosófico enquanto significando subsistência, pudesse ser utilizada dentro do contexto teológico para significar a natureza real subsistente e servisse para nomear a natureza divina, ela não poderia ser associada à noção de pessoa divina enquanto significasse isso, pois se *hypóstasis* enquanto significa natureza real subsistente refere-se à própria substância, ao valer-se deste nome para referir-se às Pessoas Trinitárias, haveríamos de admitir três naturezas reais subsistentes, portanto, três substâncias e não uma e três relações: Pai, Filho e Espírito Santo.

Se fosse assim, seríamos levados à afirmação do tri-Teísmo, o que constitui efetivamente ensinamento contrário à fé manifesta na tradição. Então, apesar de *hypóstasis* servir para traduzir o sentido em que a palavra *prósopon* [Epístola 1 Tessalonicenses, 2, 17; 2 Coríntios, 1,11; 5,12] fora utilizada neste contexto para designar a pessoa, enquanto referente à sua subsistência espiritual, não conviria usá-la, enquanto significasse aquilo, para significar as Três Pessoas da Trindade, pois equivocadamente associado à essa noção de pessoa atribuiríamos substancialidade e natureza divina à cada uma das Pessoas divinas, afirmando ao contrário de Três Pessoas e uma natureza divina, Três naturezas divinas.

Para evitar este erro, deve-se ter em conta que à exceção das Pessoas divinas *hypóstasis* significa natureza subsistente, mas no caso das Pessoas divinas significa relação subsistente, a fim de evitar afirmar pela atribuição deste nome a existência de três naturezas divinas subsistentes e não de uma subsistente em três pessoas. Em todo caso, com relação à natureza humana e angélica este termo grego *hypóstasis* se presta, adequadamente, para nomear às realidades espirituais subsistentes por si mesmas.

Deste modo, apesar da palavra *hypóstasis* ter sido escolhida por alguns Padres gregos [Teólogos da primeira tradição Cristã] para dentro do contexto teológico evitar a associação de pessoa e a de máscara *prósopon* à noção de Pessoa divina, no caso da aceção Trinitária, faz-se necessário saber que esta palavra não designa, ao referir-se à Trindade, às naturezas subsistentes divinas, mas a relação subsistente à esta única natureza, nesta relação de Pessoas: uma Natureza Divina e Três Pessoas e não Três naturezas divinas e Três Pessoas.

**14. Sto. Agostinho e S. Tomás:** Neste sentido, para Santo Agostinho, a palavra latina *persona* revestir-se-ia, dentro do contexto teológico-cristão, do significado de subsistência, dignidade e excelência sobrenatural, estendendo-se o seu uso para nomear e significar às realidades divinas subsistentes por si mesmas- A Trindade, Três Pessoas e um só Deus – às realidades angélicas – cada anjo é uma pessoa enquanto ser espiritual subsistente, ao próprio Cristo, enquanto é uma pessoa subsistente e duas naturezas, a divina e a humana; e, por fim, ao próprio indivíduo humano, enquanto ser individual de natureza espiritual subsistente .

Segundo Tomás de Aquino, *hypostasis* significava *individuum substantiam* de qualquer natureza, mas, dada a evolução do uso deste termino, passou a significar *individuum rationalis naturae*, isto é, *persona*. *Persona* é, pois um nome especial que se dá aos indivíduos de natureza racional .

Desta maneira, pelo nome *hypostasis* se designa à natureza genérica da substância individuada e o nome *persona* só à natureza racional *sub tali modo existendi*. Tomás referindo-se ao tema da personalidade em Cristo estabeleceria que a personalidade é a individuação da natureza humana: *individuationem autem conveniens humanae naturae est personalitas* .

Se o subsistir é *determinatum modum essendi* , decorre disso que o princípio de individuação não é efetivamente o princípio do ser, mas de um determinado modo de ser da natureza específica. Afirmo o Aquinate que Sócrates não subsiste só pela essência, mas também pela matéria, que o individua , por isso *hoc nomen subsistentia significat quod est per respectum ad individuationem*. De fato para o Angélico, *subsistere dicit determinatum modum essendi* . Em resumo, para Tomás o que determina a natureza da pessoa humana é o subsistir, raciocinar e ser individual .

**15. 'Pessoa' no Idealismo e em Psicologia:** Em Descartes a noção de pessoa passa pela do *cogito*. O *cogito* [pensamento] do ego é o marco de sua filosofia. A individualidade de algo não se afirma do que existe *extra mentem*, mas do que o cogito considera da *res* mesma. Por isso, a identidade e a individualidade se referem à perfeição do sujeito pensante e só se estende às coisas das que o cogito tem idéia clara e distinta . Descartes foi o marco, em nossa opinião, para o início de uma concepção egológica da pessoa. E. Kant surge no cenário do problema com sua crítica aberta ao princípio de identidade dos indiscerníveis de Leibniz. Segundo Kant, não faz falta tal princípio, já que o nômene, em si é algo absolutamente idêntico a si mesmo e distinto de qualquer outro, portanto buscar a identidade pela redução dos



fenômenos à identidade mesma, careceria de sentido . Com Kant se dá o retorno à identidade egológica, sobre o qual se fundamenta a pessoa. A liberdade joga um papel central dentro desta concepção.

Husserl fala da *epoché* transcendental enquanto redução cartesiana ou redução ao ego cogito, tratando-se de uma “redução ao meu próprio ego transcendental e à minha própria vida” . Segundo Husserl, a egologia é a esfera própria do ego obtida mediante a *epoché* egológica, com a qual, no campo da experiência fenomenológica, se abstrai de tudo o que pertence aos outros eus.

Com Husserl, por tanto, se deu o retorno ao Eu pessoal. Em Husserl , a consideração da coisa em si, tem especial transcendência, já que sua interpretação do cogito cartesiano, a través de seu método que deve ser entendido como uma *Phänomenologie der Intersubjektivität*, tentou estabelecer os fundamentos da identidade pessoal a través de uma *Transzendente Egologie*. Em Husserl, o fundamental é a identidade do Eu. Tão só a través da intersubjetividade se pode afirmar o que é para-si, na medida em que a subjetividade é o fundamento, porque é o que é em-si.

Assim, pois, mais comum em nossos dias, enquanto revigorado pelo sentido filosófico pós-moderno de consciência [auto-relação] e subjetividade [heterorrelação], «pessoa» reveste-se de sentido e significado psicológico, passando a indicar em primeiro lugar o eu e logo, em psicanálise, o agrupamento de conteúdos conscientes e inconscientes, integrantes da formação do eu pessoal , isto é, o conjunto de caracteres comportamentais que identificam um indivíduo, na sua relação com o mundo; e dentro da psicologia social «pessoa» passou a significar a síntese das relações sociais como subjetividade transindividual.